



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III- GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ERONALDA DE SANTANA LEOCÁDIO

A BELEZA DO CORPO

Guarabira

2016

ERONALDA DE SANTANA LEOCÁDIO

A BELEZA DO CORPO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador (a): Profa. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo

Ficha Catalográfica

L576b Leocádio, Eronalda de Santana

A beleza do corpo [manuscrito] / Eronalda de Santana
Leocadio. – 2016.

21 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) –
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.

”Orientação: Profa. Ms. Edna Nóbrega, Departamento de
História”.

1.Beleza. 2.Corpo. 3.Satisfação. 4.Desejo. 5.História. I.
Título.

21. ed. CDD. 362.25

ERONALDA DE SANTANA LEOCÁDIO**A BELEZA DO CORPO**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Aprovada em: 23/05/2016.

BANCA EXAMINADORA

Edna Maria Nóbrega Araújo
Prof.^a Dr.^a Edna Maria Nóbrega Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Joedna Reis de Meneses
Prof.^a Dr.^a Joedna Reis de Meneses
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Susel Oliveira da Rosa
Prof.^a Dr.^a Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora

GUARABIRA – PB
2016

A Deus, que nos criou e foi criativo nesta tarefa. Seu fôlego de vida em mim foi sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A Universidade Estadual da Paraíba, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, pela confiança no mérito e ética aqui presentes.

A minha orientadora Prof^a. Dr^a Edna Maria Nóbrega Araújo, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

A Beleza do Corpo

Resumo

Este trabalho teve como objetivo identificar até que ponto a busca dos padrões de beleza influencia na vida das pessoas. Nesse sentido, foram entrevistadas 26 mulheres do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, campus III, de diferentes períodos, com idades entre 20 e 40 anos. Foram aplicados questionários abertos em que puderam expressar suas opiniões sobre a beleza feminina, e sua satisfação com seus corpos. Na grande maioria das entrevistadas, afirmaram encontrar-se satisfeitas com seus corpos, mas não descartaram a possibilidade de mudanças inclusive, cirúrgicas. Mesmo as que se dizem satisfeitas com seus corpos. Um aspecto que mais incomoda as estudantes em relação ao corpo é à gordura localizada, os chamados “pneus”, e que de um modo geral, buscam acabar por meio das atividades em academias, corridas, dietas, etc.

PALABRA CHAVE: Beleza; corpo; desejo; história.

1. A busca da beleza descrita ao logo da História

Não é difícil ao ver as fotos antigas das nossas mães e avós pensar no quanto mudaram os padrões e tendências de beleza com o passar dos anos. A questão é que o padrão de beleza feminino mudou, aliás, está em constante mudança e nunca mudou tão rápido como agora!

O que era maravilhoso ontem, hoje é cafona e talvez amanhã seja lindo outra vez. O interessante é pensarmos no quanto somos reféns de um padrão tão inconstante e com o que fazemos hoje com nossos corpos e rostos. Nunca houve tanta cirurgia plástica na história, e será que as mulheres que fazem as plásticas estarão satisfeitas no futuro? Há alguns anos um seio turbinado era considerado mais do que necessário para a satisfação da mulher e muita gente aderiu ao silicone, hoje o bumbum é que também está em alta, e passou a receber silicone e tantas outras substâncias que promovem preenchimento e aumenta o volume.

Para entender o que aconteceu nestas mudanças, é necessário verificar a história e o que ela nos traz desde trajeto, através de épocas e lugares diferentes.

No século XVI, a Europa aponta a beleza feminina, como sendo voltada para um “código de moralidade que limita a beleza às esferas circunscritas do corpo”. “Impõe-se, sobretudo um critério: o do descoberto ou do escondido”. (VIGARELLO, 2006, p.17). Ou seja, o critério estabelece que as partes altas devem ficar visíveis, ser mostradas porque são nobres, belas, enquanto as baixas como as pernas, devem ser escondidas, já que representam partes apenas para sustentação do corpo.

Os vestidos do século VI acrescentam às suas formas sobrepostas um intenso alargamento. Eles quase ficam horizontais abaixo da cintura, sustentados por “anquinhas” e suas lâminas de ferro ou madeira, transformando mais do que nunca a saia em pedestal do busto, destacando a importância do “alto”. Não que o “baixo”, escape de qualquer preocupação. Ele pode mesmo ser objeto de luxo, mas para melhor suprir a forma física, [...] em que os tecidos [vestidos] burgueses se estendem e se enriquecem sempre mais trabalhados até o chão. (VIGARELLO, 2006, p.17).

A roupa destaca a parte do busto, enquanto as saias são longas com excesso de tecidos arrastando no chão. As “anquinhas” de ferro apertam o corpo da mulher que fere as carnes, mas promove um efeito de embelezamento.

Ao buscar sobressair à beleza do alto segundo Georges Vigarello, os olhos se tornam objeto de destaque, são descritos como raios que encarnam os astros, o “sol, a

cintilar no céu”, “um farol destinado a orientar um navio”. (2006, p.21). Os olhos encantavam a sociedade e os artistas da época.

Apertadas por um verdadeiro cilício chamado espartilho, os pulmões estão oprimidos e não podem dilatar-se, como sua natureza pede. Todos os demais órgãos, segundo o padre Perereca, participam a esse arrocho e aos saltos, rodopios e passa-pés, indispensáveis nas contradanças. Segundo ele, um suor copioso, inundava as coitadinhas, as artérias pulsavam descompassadamente. E tudo sem dar um pio... (PRIORE, 2012, p.133).

Todo o jogo de aparências colaborava para acentuar a diferença: a mulher tinha de ser dona de pés minúsculos. Seu cabelo deveria ser longo e abundante preso em penteados elaboradíssimos para fazer frente a bigodes e barbas igualmente hirsutos. Homem sem barba era maricas! A cintura feminina era esmagada ou triturada por poderosos espartilhos, acentuando os seios aprisionados nos decotes o peito de pomba e o traseiro, aumentado graças às anquinhas. Uma tal armadura era responsável, segundo os médicos mais esclarecidos, por problemas respiratórios e hemoptises, ajudando a desenhar a figura da heroína romântica, “a pálida virgem dos sonhos do poeta”, doente do pulmão. A complicação das roupas tinha um efeito perverso: suscitava um erotismo difuso que se fixava no couro das botinas, no vislumbre de uma panturrilha, em um colo disfarçado sob rendas. Del Priore (2012, p.152).

Segundo Del Priore (2012, p.152) Desta forma o espartilho fez parte da beleza feminina durante muitos anos e no decorrer desse tempo, os costumes foram evoluindo juntamente com o padrão de beleza que deixava a mulher refém dos desejos masculinos. Agora a mulher passa a buscar um novo padrão de beleza, talvez em inconscientemente continuasse refém aos homens.

Daí em diante, o que os homens — pelo menos na elite — passam a desejar não era mais a mulher dona de um corpo-ampulheta, verdadeira construção erguida com a ajuda de espartilhos e anquinhas capazes de comprimir ventres e costas, projetando seios e nádegas. Não era mais a Cinderela, senhora de um pezinho minúsculo, capaz de condensar as maiores fantasias sexuais. As mulheres abandonavam a couraça vestimenta que as tinha simbolicamente protegido do desejo masculino, no século anterior. Desejo, alimentado pela voluptuosidade da espera, do mistério, do jogo de esconde-esconde que as mulheres traduziam com seu corpo. Desejo pela mão coberta por luvas; dos cabelos, com véus e chapéus; dos pés com sapatos finos, do corpo, submerso por toneladas de tecidos só despido por ocasião de bailes, quando os decotes revelavam o verdadeiro desenho de pescoços e ombros. (DEL PRIORE, 2012, p.243).

A revolução dos costumes começou a subir as saias e essas brigavam com as botinhas de cano alto que, por sua vez, procuravam cobrir o pedaço da canela exposta. A cintura de vespa, herdada do século anterior, continuava aprisionada em espartilhos.

Esses, contudo, tinham melhorado. O dissimulado instrumento de tortura, feito de pano forte e varetas de barbatana de baleia, tão rígidas a ponto de sacrificar o fígado e os rins, mudara. Era, agora, feito de varetas flexíveis de aço. A partir de 1918, ele começa a ser substituído pelo “corpinho”. Se os primeiros salientavam os seios como pomos redondos, o corpinho deixavam-nos mais livres e achatados. Ao fim da Primeira Guerra, as chamadas “exuberâncias adiposas” passam a ser contido, não mais pelo terrível espartilho, causador de danos irreparáveis, mas pela cinta elástica. “Catálogos de roupas brancas, feitas por sofisticadas bordadeiras, revelavam que a vida no boudoir, no quarto de vestir e de dormir ganhava novos contornos.” Del Priore (2012, p. 244).

O uso do espartilho foi muito criticado por gerar pressão sobre os pulmões e dificultar a passagem do ar pelas vias aéreas, levando mulheres à asfixia ou até à morte. Mas a opinião de médicos e pessoas contrárias ao uso do artifício não foi suficiente para acabar com os bustos afuselados pela tensão muscular. Durante o Iluminismo, no século XVIII, a peça foi extinta do vestuário infantil, porém houve uma maior adesão entre as mulheres adultas, mas com um diferencial: “A beleza exigia partes mais móveis e movimentos mais rápidos” (VIGARELLO, 2006, p. 70). O espartilho surge em diversos modelos e materiais pouco pesados, como tafetá e feltro, permitindo cada vez mais comodidade e leveza para a mulher burguesa. O conforto era uma das metas da consolidada pela burguesia, o que prontamente aplicado nas roupas.

O século XVII destaca os critérios da beleza no mundo clássico:

O incremento de referências de etiquetas e de posturas, a nova civilidade insensivelmente imposta pela sociedade urbana e as normas de corte. A ordem da aparência se tornou complexa, impondo novos personagens como modelos estéticos: passeantes das cidades, heroínas da moda, todos revelando como a sociedade do século XVII se teatralizou. Revelam também beleza, longe da simples geometria física, é também ação e comportamento. [...] Ganha também, no final das contas, em nova legitimidade: a do artifício e do embelezamento, mesmo se permanece a certeza de um único modelo disponível de perfeição. (VIGARELLO, 2006, p.46).

Tornando-se alvo das políticas moralizantes e higienistas, as mulheres passaram a receber incidências das novas técnicas e práticas corporais⁶ – calcadas nos saberes médicos que voltaram o olhar, junto aos Estados, para políticas de higienização (ANDRADE, 2007; CARVALHO, 1987) e medicalização do corpo feminino, familiar e social em ação por meio de uma medicina social e estatal (FOUCAULT, 1993) – não apenas através das notícias veiculadas pelos jornais, mas principalmente pela oralidade. É necessário ressaltar que aqui se está pensando nas mulheres inseridas em uma esfera

mais abrangente: o corpo social, sob o qual se investiram economias, discursos e tecnologias modernas que tinham como objetivo, eliminar as mazelas do atraso físico, estrutura, urbana e econômica da população.

De acordo com Vigarello, a beleza, no século XVIII, não é mais “comandada pelo inteligível, e sim pelo sensível; uma ruptura se firmou, “a ideia de humanidade tendendo a se substituir pela da cristandade” As Luzes, mais profundamente, separam a visão da beleza humana da visão dividida. [...] Uma beleza intangível e desvendada não poderia ser identificada.” (2006, p. 72/73).

Em um tratado de beleza as “referências clássicas da estética corporal se renovou. A começar pelo universo referencial: imensa oscilação em que apenas o sentimento parece bruscamente se impor”. (VIGARELLO, 2006, p. 72).

Nunca a estética das formas seguiram o testemunho dos sentidos seguira o arredondamento dos braços “feitos para dominar o universo”, “a cintura fina que anuncia os prazeres mais delicados”, a pequenez do pé que atrai “o homem menos voluptuoso” a beleza, em só existia “inspirando a volúpia”. (VIGARELLO, 2006, p.72).

Observa-se no período uma inversão entre o corpo da mulher e do homem enquanto a mulher aparenta a forma geométrica de losango com a cintura fina, amplidão dos quadris e alargamento dos flancos, o que mostra o corpo feminino como destinado à gestação. Enquanto o homem apresenta o corpo em forma de trapézio.

A mulher tinha de ser naturalmente frágil, agradável, boa mãe, submissa e doce etc. As que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais. Partia-se do princípio de que, graças à natureza feminina, o instinto materno anulava o instinto sexual e, conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria inevitavelmente, anormal. (DEL PRIORE, 2012, p. 208).

A mulher de antigamente vivia para os afazeres domésticos, era criada para ser a mãe exemplar, mulher cuidadosa. Seu corpo era unicamente usado para a procriação. Del Piore enfatiza porque para a antiga moral cristã, inspirada no estoicismo, a sexualidade nos fora dada exclusivamente para procriar. (2012, p.75) o casamento só era legítimo se colocado a serviço da prole, da família. É coisa muito recente a Igreja Católica exaltar o amor conjugal.

Com o passar do tempo, o corpo foi deixando de ser objeto de satisfação familiar para atender a satisfação da própria mulher, que com o advento valorização de si mesma, se coloca em evidencia, colocando seu querer em tom igualitário com os homens, buscando de certa forma chamar a atenção para seus desejos.

Em meados do século XXII — segundo a historiadora Carla Bassanezi, que estudou as revistas e as relações entre homens e mulheres dessa época — continuava-se a acreditar que ser mãe e dona-de-casa era o destino natural das mulheres, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. Quanto às formas de aproximação e compromisso, o flerte — agora aportuguesado — continuava como o primeiro passo de um namoro mais sério. Regras mínimas para os encontros eram bem conhecidas. O rapaz devia ir buscar a moça em casa e depois levá-la de volta — mas, se ela morasse sozinha, ele não poderia entrar; o homem sempre pagava a conta; “moças de família” não abusavam de bebida alcoólica e, de preferência, não bebiam; conversas ou piadas picantes eram consideradas impróprias; os avanços masculinos, abraços e beijos deviam ser firme e cordialmente evitados; a moça tinha de impor respeito. Não importavam os desejos ou a vontade de agir espontaneamente (DEL PRIORE, 2012, p. 284).

A elegância feminina começou a rimar com saúde. Se a mudança ainda revelava-se hesitante, não demorou muito a se instalar e a se tornar inexorável. Nascia uma nova mulher. “Hoje em dia, preocupada com mil frivolidades mundanas, passeios, chás, tangos e visitas, a mulher deserta do lar. É como se a um templo se evadisse um ídolo. E como se a um frasco se evolasse um perfume. A vida exterior, desperdiçada em banalidades é um criminoso esbanjamento de energia. A família dissolve-se e perde a urdidura firme e ancestral dos seus liames”, queixava-se um editorial da Revista Feminina. Ela abandonara os penteados ornamentais com ondas conseguidas graças aos ferros de frisar para cortar os cabelos à lá garçonne. O esporte, antes condenado, tornara-se indicativo de mudanças: “Nosso fim é a beleza. A beleza só pode coexistir com a saúde, com a robustez e com a força” alardeava o autor de *A beleza feminina e a cultura física*, em 1918. (DEL PRIORE, 2012, p.244).

Umberto Eco (2004, p.426) destaca: “por sua vez, não apresentam mais nenhum modelo unificado, nenhum ideal de beleza”. Os estudos do autor indicam que os veículos midiáticos apresentam um cardápio de corpos belos prontos para o consumo de massa, disponíveis ao alcance de todos.

[...] são totalmente democráticos, oferecem um modelo de Beleza para quem já é dotada de graça aristocrática e outro para a proletária de formas opulentas; a ágil Delia Scala estabelece modelo para quem não pode se adequar à „avantajada” Anita Ekberg; para quem não tem a beleza máscula e refinada de Richard Gere, há o fascínio esguio de Al Pacino e a simpatia proletária de Robert De Niro. (ECO, 2004, p. 425)

Ao lado dos meios de comunicação de massa, a medicina também tornou-se uma grande influência do corpo magro. Indicando caminhadas, comidas dietéticas, e indicação de “vida saudável”. Porém, nem sempre as pessoas fazem as dietas seguindo

orientações médicas e pode causar problemas de saúde, promovendo um agravante de problemas na qualidade de vida.

Em alguns casos, a necessidade de ser magro pode levar ao desenvolvimento de doenças como anorexia.

Escolhido como „elemento primordial da beleza feminina“, o peso, mais que nunca, foi também escolhido como índice de saúde. O excesso de peso seria perigoso: curvas de mortalidade e curvas de quilos se cruzam para realçar os riscos sanitários implicados pela, “gordura” (VIGARELLO, 2006, p.152).

Os meios de comunicação acrescentam elementos cada vez mais exigentes de padronização corporal, deixando a competição social ainda mais acirrada. Não por coincidência, a beleza foi democratizada no século XX, o mesmo período em que os procedimentos cirúrgicos de beleza. Uma combinação que abriu as portas para que as características ditas belas possam ser um material de consumo de massa, um produto financiável em diversas parcelas. No Renascimento apenas Deus poderia dar a beleza, mas, agora, o mesmo pode ser adquirido com um cartão de crédito e um cirurgião. Ele [o cirurgião] diz se pôr a serviço do indivíduo, atender seus propósitos, acompanhar seu desejo: o “fantasma interior que, no sonho de cada um, corresponde à sua imagem ideal”. A beleza existiria então nos traços mais subjetivos desejados efeito estético vindo de um sonho íntimo (VIGARELLO, 2006, p.183). Mesmo com a influência midiática sobre as atitudes estéticas, Vigarello (2006, p. 183) ressalta que elas podem “criar um corpo, materializar a parte mais profunda de si”. Apesar da possível revelação da natureza da alma, há a própria identidade que pode ser subjugada por uma fantasia.

2. O que significa ser bela para as estudantes de História em 2015?

Ao questionar as estudantes do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba sobre o que significa um corpo belo para você? Algumas respostas chamaram a atenção, hora pela sensatez com que eram respondidas, hora pela dualidade com que se olhava para problemática.

Há duas respostas: um corpo feliz consigo é aquele que fui treinada a gostar; um corpo belo (diante a versão do mundo) é aquele que segue os padrões de beleza dessa nossa atual ditadura... (L. idade entre 20 e 30 anos).

O conceito de corpo belo é muito relativo, mas na minha opinião pessoal, tem muito haver com um corpo saudável e bem cuidado. Não que a mulher seja levada pelos padrões impostos pela mídia, mas que cultive essa cultura de se sentir bem com ela mesma, seja ela portadora do corpo que for. (R. idade entre 20 e 30 anos).

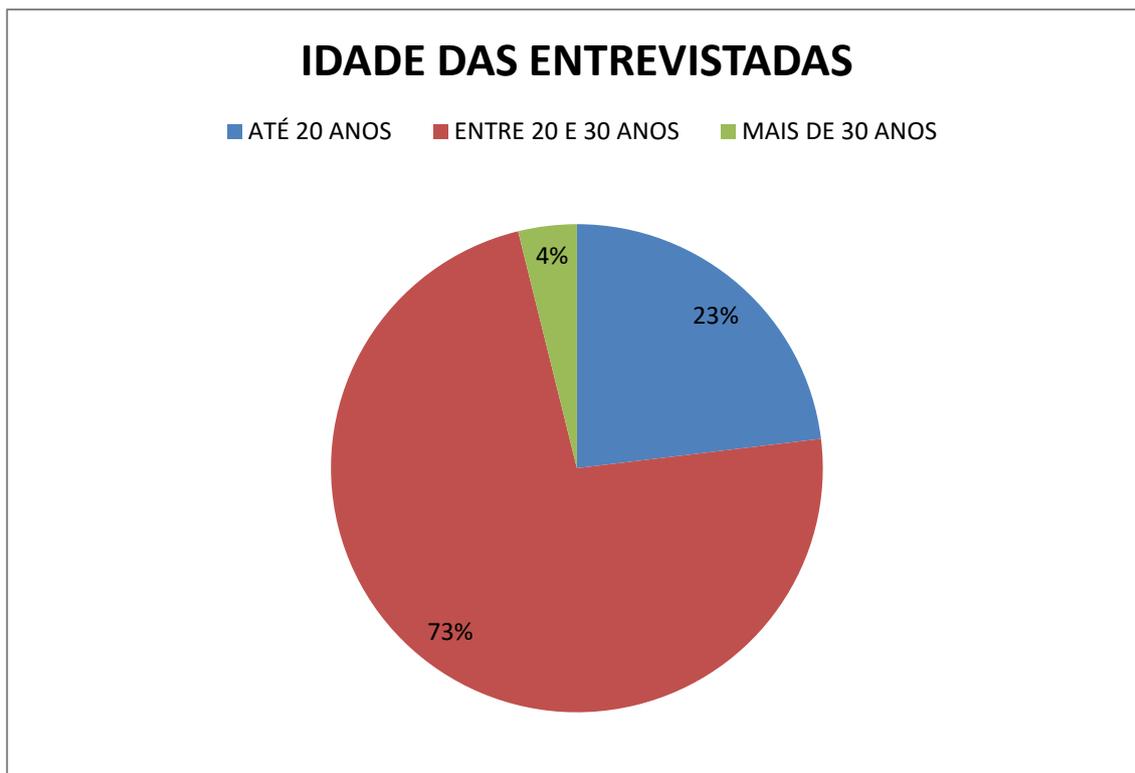
Isso porque ainda é muito comum nas mulheres de hoje em dia essa impregnação do conceito pré-estabelecido pela mídia que tida os padrões de beleza de cada período. Muito comum hoje em dia às mulheres quererem corpos perfeitos, esculturais, com a desculpa de que estão em busca de saúde, como relata os autores por mim estudados nesse artigo, mas ao analisar as entrevistas, percebe-se que as mulheres querem muito mais que saúde, querem estar de bem com o espelho, querem receber elogios e ficar de bem com o ego, querem modificar seus corpos e na maioria das vezes, nunca estão satisfeitas.

Faria algumas cirurgias plásticas como silicone nas coxas, bumbum e seios além de umas lipos e uma rinoplástia para corrigir um desvio do osso do nariz. (M. S. S. idade entre 20 e 30 anos).

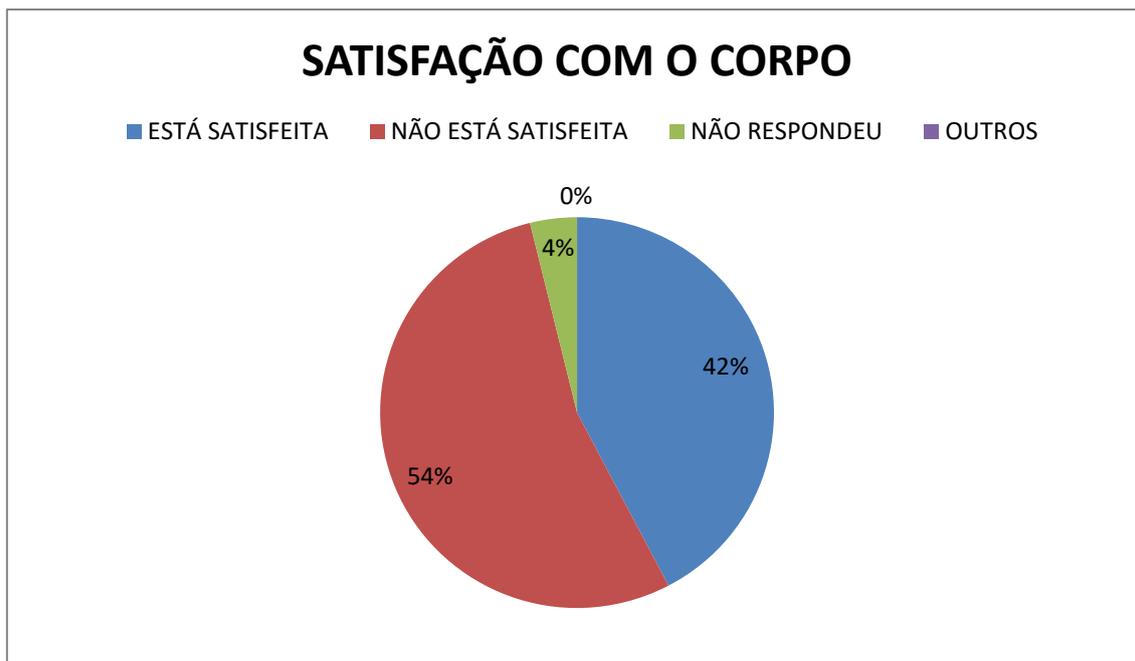
Sim. O modelo feminino imposto faz da mulher uma escultura, da cabeça aos pés. E desejaria uma modificação nos meus seios, no caso, por silicone aumenta-los. (L. idade entre 20 e 30 anos).

Se eu respondesse que seria o corpo inteiro, seria exagero? Talvez sim. Mas em certas épocas essa é à vontade, uma mudança geral. Barriga menor, cintura mais fina, pernas mais grossas e longas e assim por diante... (A. O. idade até 20 anos).

Os gráficos a seguir demonstra essa realidade. Vigarello, (2006, p.183) diz: “criar um corpo que materializa a parte mais profunda de si” e é assim que as mulheres querem na nossa sociedade, transbordar seus sentimentos mais profundos através da guerra entre o querer um corpo belo e poder ter um corpo belo.



As entrevistadas tinham de 20 a mais de 30 anos, sendo que 73% tinham idade entre 20 e 30 anos, 23% tinha até 20 anos e apenas 4% tinham mais de 30 anos. Com essa amostragem, também vale ressaltar que as estudantes, mulheres inseridas no Curso de História da UEPB, são em sua maioria jovens que estão cada dia mais buscando seu espaço, tanto nas universidades, quanto no mercado de trabalho e em todos os ambientes.



O excesso de preocupação com a aparência e o aumento da insatisfação com o corpo, principalmente com o peso, na contemporaneidade, tem sido objeto de muito estudos científicos. Esse interesse é motivado pelo reconhecimento do crescimento dos distúrbios alimentares em garotas adolescentes e mulheres jovens, principalmente. A preocupação com o peso é entendida como resultado da internalização de padrões irreais de beleza, e muitas vezes, predispõe as jovens à depressão. Especialistas em distúrbios alimentares defendem que haja esforços no sentido de alterar esse padrão de beleza extrema magreza e atitudes sociais frente ao aumento de peso, ao mesmo tempo, que sejam feitos estudos de intervenção para melhor a imagem corporal das garotas (STRIEGEL-MOORE, 2001).

Das mulheres entrevistadas 54% não estão satisfeitas com seus corpos e 42% se declararam satisfeitas, o interessante é que apesar desses percentuais serem praticamente iguais, 42% também não recorreriam à cirurgia para modificar o corpo, mas 23% recorreriam sim a esse artifício juntamente com 35% que apesar de não recorrer à cirurgia, tentariam modificar se utilizando de academias, dietas e outros recursos para modificar seus corpos, ou seja, 58% se utilizariam de algum recurso para modificar alguma parte de seus corpos.

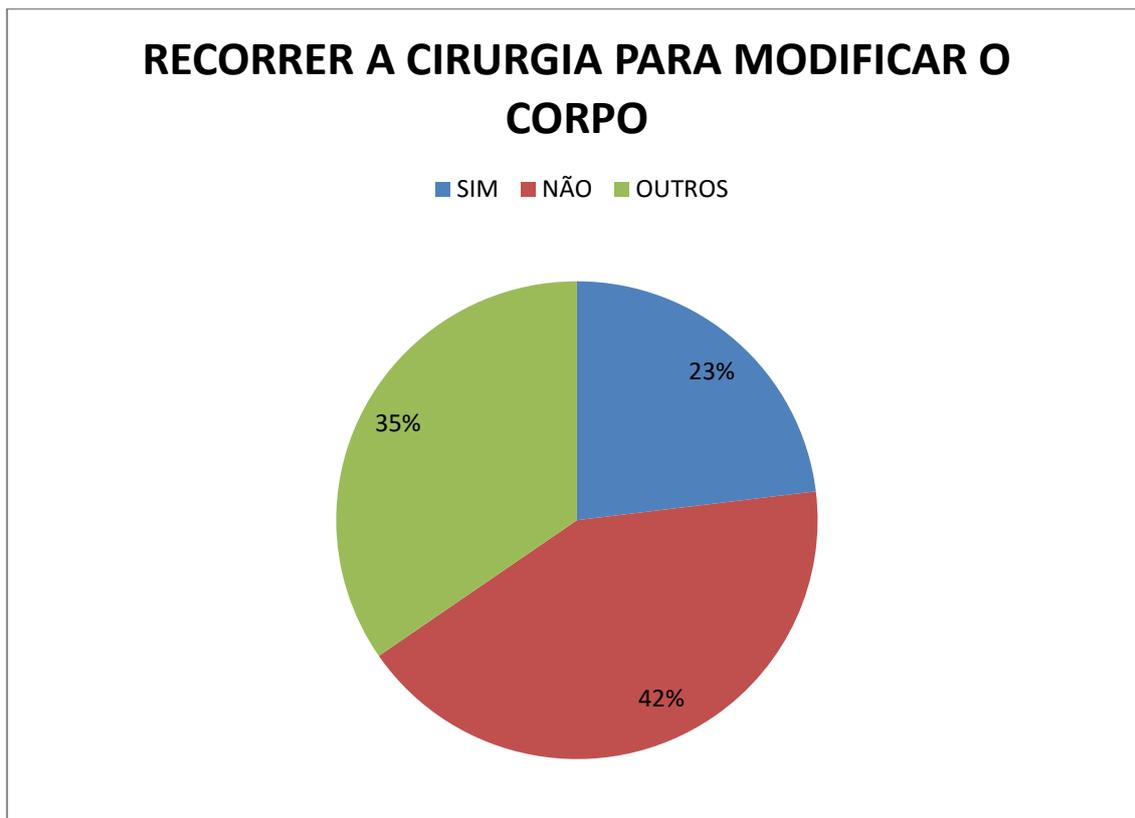
Eu me sinto satisfeita com meu corpo. Apesar de ser adepta a musculação e outros exercícios físicos, acredito que sentir-se bem com o próprio corpo esta

ligado o estar bem com a mente. Não deixar ser levado por opiniões alheias, nem padrões que a própria mídia insiste em reproduzir. (R. idade entre 20 e 30 anos).

Seria capaz de recorrer a dietas rigorosas, exercícios físicos, remédios, cosméticos. (M. idade entre 20 e 30 anos).

Só frequentar uma academia e nada de cirurgias ou lipo para atingir um corpo perfeito conforme as padrões de beleza. (L. idade mais de 30 anos).

Eu malharia para engrossar as pernas e ganhar massa muscular. (B. V. idade entre 20 e 30 anos).



Toda a publicidade à volta do corpo perfeito faz-nos sentir que os verdadeiros responsáveis pelo nosso corpo somos nós, sendo assim, temos de valorizá-lo e investir nele. Apelando assim a um consumo não só de produtos, bem como do próprio corpo. O corpo é visto por muitas pessoas como o cartão de visita de cada um. Isso se deve à importância exacerbada pela aparência e preocupação em alcançar o “corpo ideal”. (Pereira, 1999, p. 22-26).

Apesar de na sua grande maioria, afirmarem satisfeitas com o corpo, elas além de recorrem aos meios para buscarem adquirir ou manter o corpo dentro dos padrões de beleza, elas muitas gostariam de modificar algumas partes do corpo:

Como já mencionado na questão anterior, mudaria minha barriga e a gordura dos meus braços. Tirando isso, me acharia uma pessoa de corpo perfeito. (Anonimato, idade entre 20 e 30 anos).

A barriga e as pernas, diminuição das gorduras. (J. F. idade até 20 anos).

Eu não mudaria nada de extraordinário, porém alguns ajustes seriam propícios, não para atingir um público de administradores do meu corpo, mas sim com a relação de estar bem comigo mesma. (F. R. idade até 20 anos).

Atualmente, acredito que não seria capaz de mudar nada. Mas se futuramente pensasse em mudar algo provavelmente seria nos seios. (R. idade entre 20 e 30 anos).

De acordo com o autor referido anteriormente, a atividade física, essencialmente a inserida nos ginásios, deve ser entendida como um meio possível para a obtenção do estereótipo do chamado corpo ideal, sendo importante o resultado final (a imagem ideal) e não os meios em si e em muitos casos as mulheres exageram tanto nas práticas das atividades físicas quanto nas dietas e podem adquirir sequelas no corpo.

No processo de aproximação entre os conceitos de beleza e saúde parecem frequentes no imaginário e discurso de mulheres na realidade atual, fruto de um processo histórico de inclusão de preceitos acerca de ideais de corpo e beleza advindos das classes dominantes e seus interesses, impostas pela mídia que faz da alienação seu principal poderio sobre a mentalidade corporal do indivíduo. Não por acaso, as estudantes pesquisadas enquanto seu pensamento do que vem a ser a beleza do corpo e suas satisfações individuais, foram todas do curso de história da UEPB, justamente com o objetivo de fazer as futuras historiadoras se perceberem nesse espaço de tempo como conscientizadas e mediadoras de uma nova realidade para a beleza do corpo, o modelo corpo almejado são pessoas jovens, de pele clara, magras, representantes de uma beleza elitizada, apenas encontrada quando o “consumidor” possui meios financeiros para adquiri-la. Porém, não apenas as condições financeiras influenciam na obtenção do chamado “corpo ideal”.

Nos relatos dessas estudantes podemos perceber inúmeros discursos que caminham claramente para a superação de ideais impostos pela Indústria Cultural, resultado esperado, já que as mulheres as quais tratamos nesta pesquisa possuem uma formação que as aproximaria de uma discussão crítica de corpo. Ainda assim, percebem-se o envolvimento delas com a necessidade de seguir os padrões de beleza ditados pela mídia, embora afirmem que são satisfeita com o corpo, como verificamos nos depoimentos, praticamente todos, demonstram preocupação com o corpo, fazem

atividades físicas, em academias ou por conta própria, fazem dietas para manter o corpo em forma e algumas gostariam de fazer intervenções para ficarem mais belas.

The Brody Beauty

Abstract

Self-esteem and satisfaction with the body are key factors for the acceptance of the individual for himself and society and can contribute positively or experiences in the social sphere. This study aimed to identify to what extent the beauty of dictatorship influences the social and cultural lives of people, raising questions of the day to day clearly and simply Sobre o perfect body for this, were interviewed 26 women in the course of history at the State University Paraiba, aged 20 and 40 years. open questionnaires were applied where they could express their opinions and help us carry out this study. Most students were satisfied with their bodies, but did not rule out the possibility of changes. The most talked about aspect was localized fat, that among so many problems afflicting the woman looking at the mirror in search of the perfect body, the most striking and bothers most subjects, even those who say they are satisfied with their bodies.

Keyword: Beauty, body satisfaction, desire, history.

Referências

- ANDRADE, Juciene Batista Félix. **Caicó: uma cidade entre a recusa e sedução**. Natal: 2007.
- BAECQUE, Antoine de, “Telas: O corpo no cinema” In COURTINE, Jean-Jacques (org.). **História do Corpo: As mutações do olhar: o século XX**. Vol. 3. Petrópolis, Vozes, 2008.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- DEL PRIORE, Mary, **Corpo a corpo com a mulher**. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: . SENAC, 2000.
- DEL PRIORE, Mary, **História do amor no Brasil**, 3 ed. , São Paulo: Contexto, 2012.
- ECO, Umberto, **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: Vontade de Saber**, 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- PEREIRA, A. **Academias: corolário de uma concepção de corpo**. Horizonte. Vol.XV, 1999.
- STRIEGEM-MOORE, R.H. (2001). **Body image concerns among children**. The Journal of Pediatrics, 138, 2, 158-159. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd132/nivel-de-satisfacao-com-a-imagem-corporal.htm> acesso em 30/04/2016.
- VIGARELLO, Georges, **História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

ANEXO

Caras colegas,

Gostaria de convidá-las a participarem da minha pesquisa de Conclusão de Curso. A pesquisa utiliza a técnica de amostragem, entre as estudantes do curso de História do Centro de Humanidades.

Desde já muito obrigada pela atenção e participação.

Identificação: _____ Ano que cursa: _____

Idade: Até 20 anos () Entre 20 e 30 anos () Mais de 30 anos (.)

1- O que significa um corpo belo para você?

2- Você está satisfeita com seu corpo atualmente? Sim () Não () Porque?

3- O que você seria capaz de modificar no seu corpo para atingir o “padrão” de beleza que você gostaria de possuir?
